



3ª SEQUÊNCIA DIDÁTICA

Primeira República: o racismo e a imprensa negra

Nesta sequência didática, propõe-se o trabalho com diversos tipos de fontes (iconográfica, literária e jornalística) para que os alunos identifiquem e reflitam sobre mudanças e permanências no processo de inserção social da população negra, especialmente após a abolição e a Proclamação da República.

A BNCC na sala de aula

Objetos de conhecimento	A questão da inserção dos negros no período republicano do pós-abolição. Os movimentos sociais e a imprensa negra; a cultura afro-brasileira como elemento de resistência e superação das discriminações.
Habilidades	(EF09HI03) Identificar os mecanismos de inserção dos negros na sociedade brasileira pós-abolição e avaliar os seus resultados. (EF09HI04) Discutir a importância da participação da população negra na formação econômica, política e social do Brasil.
Objetivos de aprendizagem	Analisar a composição de uma fonte pictórica. Relacionar uma fonte pictórica ao contexto histórico e social em que foi criada. Identificar na obra <i>A Redenção</i> de Cam elementos que refletem o discurso do branqueamento da população brasileira. Comparar as representações dos afrodescendentes em distintos tipos de fonte. Pesquisar e analisar textos da imprensa negra brasileira no período da Primeira República. Identificar mudanças e permanências no que se refere à inserção social dos afrodescendentes após a abolição da escravidão. Valorizar o protagonismo dos afrodescendentes no que se refere aos movimentos sociais.
Conteúdos	Teorias racistas. Os negros no pós-abolição. Imprensa negra. Análise de distintas fontes.

Materiais e recursos

- Aula expositiva.
- Projetor.
- Cartolinas.
- Caneta hidrocor.
- Lápis de cor.
- Régua.

Desenvolvimento

- Quantidade de aulas: 7.

Aula 1

Sugere-se iniciar esta aula retomando a teoria de branqueamento da população, defendida por membros da elite brasileira durante o século XIX. Segundo essa teoria, o processo de branqueamento ocorreria por meio da miscigenação e da chegada de imigrantes europeus, considerados pela elite brasileira da época oriundos de uma raça superior à dos afrodescendentes. Somente com uma população mais branca o Brasil teria acesso ao conjunto das nações ditas civilizadas. Em 1911, o médico João Batista de Lacerda, representante brasileiro no Congresso Mundial das Raças, em Londres, afirmou que em 100 anos os negros e os indígenas desapareceriam graças à miscigenação e, com isso, ocorreria o branqueamento da população brasileira.

Vale ressaltar que na época essa teoria não era considerada racista, pelo contrário, era reconhecida como científica e avançada. Ela foi fortemente influenciada por outras hipóteses, mas que também eram aceitas pela comunidade científica da época: o darwinismo social; as teorias do criminólogo italiano Cesare Lombroso; e as teorias racialistas do diplomata e escritor francês Arthur de Gobineau. Foram algumas dessas teses que serviram de base teórica e científica para justificar as atrocidades cometidas pelos nazistas.

A teoria do branqueamento é marcada por algumas singularidades da sociedade brasileira: a miscigenação era vista como solução para que a raça branca se tornasse majoritária entre a população, diferentemente de outras teorias da época, que viam a miscigenação como um problema, ou a causa de impurezas e degeneração. No Brasil, as pessoas eram classificadas de acordo com o seu fenótipo, isto é, mesmo que tivessem alguma ascendência africana, seriam classificadas brancas desde que aparentassem ter ascendência europeia. Nos Estados Unidos, para fins de comparação, as pessoas eram classificadas de acordo com a sua árvore genealógica: mesmo que aparentassem ser brancas, seriam consideradas negras se fossem filhas de mãe ou pai negros, ou tivessem avôs negros.

Um exemplo desse tipo de racismo pode ser encontrado no drama **Imitação da vida**, filme estadunidense de 1959 que conta a história de Sarah Jane, filha de uma empregada negra que, diferentemente da mãe, possui pele clara e usa isso para se passar por branca e ter acesso aos privilégios dos brancos, mesmo que para isso tivesse de esconder sua

origem e renegar a mãe. Na sociedade estadunidense retratada no filme, Sarah Jane era considerada negra por ser filha de mãe negra, mas seria considerada branca na sociedade brasileira da mesma época por aparentar ser branca. O racismo estava presente em ambas as sociedades, tanto na brasileira quanto na estadunidense, mas era diferente na sua manifestação. Em comum há o fato da presença e a herança africana e de seus descendentes ser vista como algo indesejado ou impróprio. De toda forma, deve-se lembrar que o conceito de raça é uma invenção social, e não uma realidade biológica.

A exposição dos conteúdos deverá ocupar todo o tempo da aula.

Aula 2

Após a explicação sobre a teoria do branqueamento, feita na aula anterior, projetar aos alunos uma reprodução da pintura intitulada **A Redenção de Cam** (ver seção **Ampliação**), obra de Modesto Brocos (1852-1936), pintor espanhol radicado no Brasil. Se não for possível projetar a imagem, sugere-se que eles consultem o livro do aluno. O nome da obra é uma referência à maldição lançada por Noé a um dos seus filhos, Cam, que após o dilúvio teria se mudado para o sudeste da África e seria o patriarca de povos africanos e de parte do Oriente Médio. A história da maldição de Cam foi usada muitas vezes como justificativa para a escravização de africanos, considerados descendentes de Cam.

No entanto, o título da obra fala em redenção, não em maldição. Ou seja, segundo a visão do artista, o que está sendo mostrado no quadro é a quebra da suposta maldição, e não a continuidade dela. Tal redenção se daria por meio da miscigenação e do conseqüente branqueamento da população. É interessante notar que embora o título da obra faça referência a uma narrativa bíblica, o artista buscou inspiração em uma teoria pretensamente científica, então defendida pela elite brasileira da época. A obra une uma referência à Bíblia e a uma teoria influenciada pelo darwinismo social.

A pintura mostra uma avó negra, cuja filha é mestiça, agradecendo a Deus – com os braços erguidos para o alto – pelo fato de seu neto ter nascido branco, isto é, por ter a cor da pele do pai. A intenção do artista foi mostrar que a criança branca veio redimir sua família da maldição de Cam. Reparar na expressão de satisfação no rosto do pai, orgulhoso pelo filho se parecer com ele. Para criar essa cena, o artista recorreu a uma cuidadosa composição. O gradual branqueamento da população é representado em três gerações: a avó possui a pele negra; a filha dela, que é mestiça, possui um tom de pele pardo; a criança, o neto, possui a pele branca, igual à do pai. Os elementos do fundo podem ser divididos em três partes bem delimitadas: o chão onde a avó está pisando é de terra, vemos um pouco de grama e plantas, o que sugere o ambiente rústico do Brasil rural dos tempos da escravidão; a mãe está sentada numa parte intermediária onde se encontram os limites do chão de terra e do piso da casa; enquanto o pai está sentado na parte na qual o chão está todo coberto pelo piso e onde aparece é parte do interior da casa, o que sugere urbanização, modernização.

Nessa divisão em três, pode-se perceber que as duas primeiras partes se assemelham na composição a um x, no qual podemos traçar duas diagonais: uma diagonal na direção para a qual os braços da avó apontam, outra na direção oposta, que é justamente para onde uma das mãos da mãe e uma das mãos da criança apontam. Para compor a cena, o

artista também recorreu aos contrastes entre as figuras representadas e o fundo: a pele da avó contrasta com a cor da parede da casa e o verde da planta; a pele da mãe também contrasta com a cor da parede e a cor branca da roupa que está usando; a cor da criança (tanto da pele quanto da roupa) contrastam com o azul do cobertor que a mãe segura junto do filho; e as sombras do interior da casa contrastam com a figura do pai. A parte do cenário em que mais predominam sombras é onde está o pai, o adulto de pele mais clara, enquanto nas partes do cenário onde estão a avó e a mãe predominam as luzes.

Orientar os alunos a observar com atenção a obra e fazer registros por escrito. A análise do quadro deverá ocupar todo o tempo da aula.

Aula 3

Iniciar essa aula fazendo uma leitura coletiva e em voz alta da crônica de Machado de Assis (1839-1908), publicada originalmente no jornal **Gazeta de Notícias** em 19 de maio de 1888, poucos dias após a assinatura da Lei Áurea. Se for possível, projetar o texto para a turma. Se não houver disponibilidade, sugere-se distribuir cópias impressas do texto.

19 de maio

Bons dias!

Eu pertenço a uma família de profetas *après coup*, *post factum*, depois do gato morto, ou como melhor nome tenha em holandês. Por isso digo, e juro se necessário for, que toda a história desta Lei de 13 de Maio estava por mim prevista, tanto que na segunda-feira, antes mesmo dos debates, tratei de alforriar um molecote que tinha, pessoa de seus dezoito anos, mais ou menos. Alforriá-lo era nada; entendi que, perdido por mil, perdido por mil e quinhentos, e dei um jantar.

Neste jantar, a que meus amigos deram o nome de banquete, em falta de outro melhor, reuni umas cinco pessoas, conquanto as notícias dissessem trinta e três (anos de Cristo), no intuito de lhe dar um aspecto simbólico.

No golpe do meio (*coup du milieu*, mas eu prefiro falar a minha língua), levantei-me eu com a taça de champanha e declarei que acompanhando as ideias pregadas por Cristo, há dezoito séculos, restituía a liberdade ao meu escravo Pancrácio; que entendia a que a nação inteira devia acompanhar as mesmas ideias e imitar o meu

exemplo; finalmente, que a liberdade era um dom de Deus, que os homens não podiam roubar sem pecado.

Pancrácio, que estava à espreita, entrou na sala, como um furacão, e veio abraçar-me os pés. Um dos meus amigos (creio que é ainda meu sobrinho) pegou de outra taça, e pediu à ilustre assembleia que correspondesse ao ato que acabava de publicar, brindando ao primeiro dos cariocas. Ouvi cabisbaixo; fiz outro discurso agradecendo, e entreguei a carta ao molecote. Todos os lenços comovidos apanharam as lágrimas de admiração. Caí na cadeira e não vi mais nada. De noite, recebi muitos cartões. Creio que estão pintando o meu retrato, e suponho que a óleo.

No dia seguinte, chamei o Pancrácio e disse-lhe com rara franqueza:

— Tu és livre, podes ir para onde quiseres. Aqui tens casa amiga, já conhecida e tens mais um ordenado, um ordenado que...

— Oh! meu senhô! fico.

— ... Um ordenado pequeno, mas que há de crescer. Tudo cresce neste mundo; tu crescestes imensamente. Quando nasceste, eras um pirralho deste tamanho; hoje estás mais alto que eu. Deixa ver; olha, és mais alto quatro dedos...

— Artura não qué dizê nada, não, senhô...

— Pequeno ordenado, repito, uns seis mil-réis; mas é de grão em grão que a galinha enche o seu papo. Tu vales muito mais que uma galinha.

— Justamente. Pois seis mil-réis. No fim de um ano, se andares bem, conta com oito. Oito ou sete.

Pancrácio aceitou tudo; aceitou até um peteleco que lhe dei no dia seguinte, por me não escovar bem as botas; efeitos da liberdade. Mas eu expliquei-lhe que o peteleco, sendo um impulso natural, não podia

anular o direito civil adquirido por um título que lhe dei. Ele continuava livre, eu de mau humor; eram dois estados naturais, quase divinos.

Tudo compreendeu o meu bom Pancrácio; daí para cá, tenho-lhe despedido alguns pontapés, um ou outro puxão de orelhas, e chamo-lhe besta quando lhe não chamo filho do Diabo; coisas todas que ele recebe humildemente, e (Deus me perdoe!) creio que até alegre.

O meu plano está feito; quero ser deputado, e, na circular que mandarei aos meus eleitores, direi que, antes, muito antes de abolição legal, já eu, em casa, na modéstia da família, libertava um escravo, ato que comoveu a toda a gente que dele teve notícia; que esse escravo tendo aprendido a ler, escrever e contar, (simples suposição) é então professor de filosofia no Rio das Cobras; que os homens puros, grandes e verdadeiramente políticos, não são os que obedecem à lei, mas os que se antecipam a ela, dizendo ao escravo: *és livre*, antes que o digam os poderes públicos, sempre retardatários, trôpegos e incapazes de restaurar a justiça na terra, para satisfação do Céu.

Boas noites.

ASSIS, Machado. Bons dias! 19 de maio (Publicado originalmente na *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro). *Obra Completa de Machado de Assis*. MEC – Domínio público. Disponível em: <<http://machado.mec.gov.br/obra-completa-lista/itemlist/category/26-cronica?start=12>>. Acesso em: 15 nov. 2018.

Tal crônica revela o olhar aguçado de Machado de Assis, um observador atento da sociedade de sua época. Machado usa de ironia para satirizar o cinismo e o oportunismo dos políticos, bem como o aspecto quase puramente formal da Abolição, pois os ex-escravos continuavam, em sua grande maioria, ainda dependentes economicamente de seus antigos senhores e permaneciam, mesmo que oficialmente livres, sendo vítimas da exclusão social e de um processo de marginalização.

Se necessário, explicar os trechos em que os alunos demonstrarem dúvidas, tanto em relação à linguagem e às palavras utilizadas quanto ao contexto. Chamar a atenção para o fato de que o próprio Machado de Assis era neto de escravos: seu pai, pintor de paredes, era filho de dois escravos alforriados, enquanto sua mãe era lavadeira portuguesa. Machado de Assis foi testemunha ocular dos processos que levaram à abolição e aos movimentos abolicionistas, bem como da passagem da monarquia à República.

Tanto a trajetória de Machado de Assis quanto a crônica de 19 de maio de 1888, podem ser usadas para identificar mudanças e permanências na vida dos afrodescendentes após Lei Áurea. Destacar que uma parcela da população negra, antes da

abolição, era formada por libertos ou alforriados e seus descendentes e que, mesmo após a abolição, a maioria dos afrodescendentes continuou sendo vítima do preconceito e da exclusão.

A parte expositiva da aula e a leitura do texto deverão ocupar todo o tempo da aula.

Aula 4

Iniciar essa aula propondo uma comparação entre a pintura **A Redenção de Cam** e a crônica de Machado de Assis. Sugere-se, para isso, propor as seguintes questões a serem respondidas no caderno:

1. Destaque pelo menos duas semelhanças entre a pintura **A Redenção de Cam** e a crônica de Machado de Assis, publicada em 19 de maio de 1888.

Resposta: Ambas tratam da inserção social dos negros no período pós-abolição. Outra semelhança é que nas duas obras os negros, mesmo formalmente livres, são retratados como subalternos aos brancos. Além disso, a libertação ou redenção, de acordo com a obra, ocorre por meio dos brancos, seja pela alforria concedida pelo senhor de Pancrácio na crônica, seja por meio da miscigenação na pintura.

2. Com qual objetivo o senhor de Pancrácio decidiu alforriá-lo poucos dias antes da abolição da escravidão?

Resposta: Já havia um movimento abolicionista antes da Lei Áurea e um lento e gradual processo de abolição da escravidão já estava em curso desde a proibição do tráfico de escravos da África para o Brasil. O senhor de Pancrácio percebeu que a abolição em definitivo da escravidão era inevitável e viu nisso uma oportunidade de se promover como candidato a deputado.

Estabelecer o prazo de metade do tempo da aula para os alunos responderem às questões. Circular pela sala para verificar se todos estão conseguindo realizar a atividade e esclarecer eventuais dúvidas. Terminado o prazo, na outra metade da aula iniciar a correção das questões na lousa. Pedir a alguns alunos que compartilhem as respostas e aproveitar para comparar respostas diferentes, mas corretas ou adequadas, para as mesmas questões.

Aula 5

Nas aulas anteriores, os alunos tiveram contato com duas fontes históricas, em diferentes suportes, em que os afrodescendentes são representados como inferiores e coadjuvantes, e não como protagonistas.

Como contraposição, propõe-se nessa aula que os alunos se dividam em duplas e façam pesquisas sobre a imprensa negra entre o final do século XIX e as primeiras décadas do século XX, durante a primeira metade do século passado.

Orientá-los a pesquisar no *site* do Instituto de Estudos Brasileiros (ver seção **Ampliação**), onde estão disponíveis jornais e revistas ligados ao movimento negro paulista. Pedir a eles a elaboração de um resumo do conteúdo de alguns desses periódicos em que conste: manchetes, teor das matérias, assuntos mais frequentes, data de publicação etc.

Sugere-se que os grupos se dividam de acordo com os periódicos:

- **A Liberdade.**
- **A Voz da Raça.**

- **O Alfinete.**
- **O Clarim da Alvorada.**
- **Progresso.**

A pesquisa deverá ocupar todo o tempo da aula.

Aulas 6 e 7

Nestas aulas os alunos deverão reproduzir uma primeira página do jornal pesquisado, em uma cartolina, com textos e manchetes que resumam os principais temas tratados ao longo dos vários números pesquisados. Poderão utilizar lápis de cor, canetas hidrocor, lápis, ou outros materiais que acharem necessário e estiverem disponíveis.

Recomenda-se que uma aula seja dedicada para a elaboração dos jornais e a outra, à apresentação dos grupos para o restante da turma.

Avaliação

- Participação em sala de aula (assiduidade e interação).
- Participação no trabalho em grupo.
- Elaboração de primeira página de jornal.

Para auxiliar na avaliação, sugerem-se a ficha e as questões a seguir.

Ficha para o professor		
Nome do(a) aluno(a): _____		
1. Participou das discussões e do trabalho em grupo de maneira ativa e com desenvoltura?	() Sim.	() Não.
2. Participou do trabalho em grupo de maneira ativa?	() Sim.	() Não.
3. Realizou a pesquisa?	() Sim.	() Não.
4. Elaborou o trabalho final?	() Sim.	() Não.
5. Apresentou o trabalho?	() Sim.	() Não.

1. Aponte a principal diferença entre o racismo no Brasil e nos Estados Unidos no final do século XIX e início do XX.

Resposta: No Brasil, as pessoas eram classificadas de acordo com o seu fenótipo, isto é, mesmo que tivessem alguma ascendência africana, seriam classificadas brancas desde que aparentassem ter ascendência europeia. Nos Estado Unidos, as pessoas eram classificadas de acordo com a sua árvore genealógica: mesmo que aparentassem ser brancas, seriam consideradas negras se fossem filhas de mãe ou pai negros, ou tivessem avôs negros.

2. Cite ao menos uma teoria ou teórico racista do final do século XIX e início do século XX.

Resposta: João Batista de Lacerda. Cesare Lombroso. Arthur de Gobineau. Darwinismo social.

Ampliação

A REDENÇÃO de Cam. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras. São Paulo: Itaú Cultural, 2018. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/obra3281/a-redencao-de-cam%3E>>. Acesso em: 15 nov. 2018. Verbetes da Enciclopédia.

MUSEU NACIONAL DE BELAS ARTES. **A Redenção de Cam**. Disponível em: <<http://mnba.gov.br/portal/component/k2/item/192-reden%C3%A7%C3%A3o-de-c%C3%A3.html>>. Acesso em: 15 nov. 2018. Reprodução do quadro.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO. Instituto de Estudos Brasileiros (IEB). Imprensa Negra Paulista. Disponível em: <<http://biton.uspnet.usp.br/impresnanegra/>>. Acesso em: 15 nov. 2018. Periódicos de 1903 a 1963.